



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**FRANCIANA CECÍLIO DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”**

**GUARABIRA – PB**

**2018**

**FRANCIANA CECÍLIO DA SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo Da Silva.

**GUARABIRA – PB**

**2018**

S586r Silva, Franciana Cecílio da.  
A representação da infância em "A bolsa amarela"  
[manuscrito] : / Franciana Cecílio da Silva. - 2018.  
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Imaginário. 3.  
Representação.

21. ed. CDD 808.068

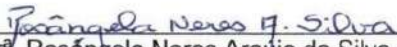
FRANCIANA CECÍLIO DA SILVA

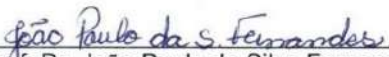
A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”

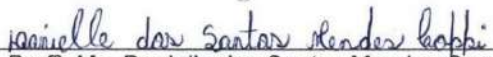
Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 12/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araujo da Silva - Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup>. Ms. Danielle dos Santos Mendes Coppi  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, externo minha gratidão a Deus, por me permitir viver esse momento, por está presente em minha vida e ser o autor da minha história, como pai amoroso e zeloso que é.

À minha família, e de modo especial, à minha mãe, que além de incentivadora, tem sido uma base forte e sólida em minha vida em todos os sentidos.

Aos colegas de sala, por toda colaboração e incentivo no decorrer do curso, especialmente, aos amigos: Ramom, Núbia, Renale e Laís pelo companheirismo, apoio e amizade construídos nessa jornada, e que permanecerão em minha vida.

À professora e orientadora, Rosângela Neres Araújo da silva, por tamanho comprometimento, profissionalismo e compreensão para comigo ao longo da construção desse trabalho, por todos os ensinamentos, e principalmente, por ter me aceito como orientanda, sendo-me sempre paciente e amável.

Aos professores do curso de letras, que ao longo da caminhada contribuíram e compartilharam seus conhecimentos e vivências para a minha formação, em especial, Fernanda Barboza, Iara Ferreira, Fátima Aquino, Suely Costa, Paulo Aldemir Lopes, Maria Neni, Izandra Falcão, Eduardo Valones, Aparecida Lima e todos os que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

À coordenação do curso, em especial à funcionária Marcielly Felix, pela prontidão e solicitude com que me atendia sempre que a procurava.

Enfim, às minhas colegas de trabalho, que sempre me incentivaram nos momentos de agonia, e me apoiaram de diversas maneiras sempre que precisei.

“A literatura funciona para nós como um espelho. Quanto mais nos olhamos nele, mais vamos captando revelações sobre nós mesmos e, conseqüentemente, sobre nossa postura face ao mundo.”

Lygia Bojunga

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS.....	9
2 LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA NO CONTEXTO ATUAL .....	13
2.1 Breves palavras sobre Lygia Bojunga .....	14
3 A BOLSA AMARELA: CONTRASTES ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO .....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
ABSTRACT .....	20
REFERÊNCIAS .....	21

## A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “A BOLSA AMARELA”

SILVA, Franciana Cecílio da<sup>1</sup>

O presente estudo tem por finalidade analisar a posição da criança, no ambiente familiar, especificamente representado pela personagem Raquel, na obra “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga Nunes. Para tanto, buscamos fazer uma análise de caráter interpretativo acerca da representação da infância, mostrada por Raquel, e como ela reflete a criança nos dias atuais. Na referida obra, o imaginário é permeado de questionamentos que abarcam o universo da infância e aborda as formas de representação da personagem jovem, no contexto que os adultos lhe impõe. Para tanto, baseamos nossa pesquisa nos estudos de autores que dialogam com a Literatura Infantil, tais como: Coelho (2000), Cunha (2003), Cadermatori (2006), Colomer (2017), dentre outros. A realização deste trabalho nos permitiu compreender a importância das narrativas para crianças, sobretudo comprovar sua eficácia na formação de leitores conscientes e reflexivos. Como também, nos proporcionou uma visão ampla e humanizadora, acerca dos assuntos inerentes ao universo literário infantil.

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil. Imaginário. Representação.

### INTRODUÇÃO

A literatura infantil surgiu de forma oralizada, transmitida entre povos, e os primeiros registros escritos foram observados a partir da implementação do conceito de infância e, conseqüentemente, a escolarização dos textos (COELHO, 2000). A literatura infantil e juvenil brasileira tem se destacado pela originalidade da construção das narrativas, principalmente no universo literário atual.

A partir dos anos de 1960, a literatura infantil começou a enveredar caminhos diferentes dos tradicionais, concentrando-se em ações que promovessem a transmissão de novos valores sociais. Os autores passaram a abordar questões sociais em suas obras, e ampliar os temas tratados no contexto da infância. Os livros infantis aliaram à fantasia assuntos diversos e questionamentos pertinentes ao

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: cecilio.franciana@gmail.com



universo infantil e juvenil, mostrando as brincadeiras, as questões familiares, os jogos e a preservação do imaginário.

Colomer (2017) afirma que "A literatura infantil e juvenil modernizou também sua representação do mundo" e vemos esse aspecto na obra de muitos escritores da modernidade e contemporaneidade.

No presente trabalho, observamos a representatividade da infância na obra "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga. Utilizamos como fundamentação as abordagens e estudos sobre a literatura infantil e juvenil de Cadematori (2006), Coelho (2000), Cunha (2003), Colomer (2017), entre outros.

A literatura nos dá o poder de ir além do que se pode ver, viajar, sair do sentido real, e navegar na pura imaginação, sobretudo a literatura infantil. Por essa razão buscamos fazer uma contextualização parcial acerca do surgimento da literatura, e em seguida iremos tratar a importância de sua inserção no universo infantil, seguido da análise da obra mencionada anteriormente. A literatura em seu amplo sentido promove uma expansão de conhecimentos sociocultural, a quem se permite conhecer qualquer que seja o tipo.

## **1 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS**

A literatura infantil tem como precursor o francês Charles Perrault, o qual busca fazer interrelação entre aspectos literários que incorporam questões e fatos referentes à natureza infantil, destacando a preocupação com o didático e a relação com o popular. Os elementos que integram os textos de Perrault têm como enfoque uma abrangência de assuntos sociais, e principalmente aqueles voltados para o universo infantil.

Como afirma Cadematori (2006, p. 34):

Na verdade, a análise dos contos de Perrault requer um enfoque interdisciplinar, sendo que os problemas que suscita não se restringem à teoria da literatura, à sociologia, à psicanálise ou ao folclore, mas reclamam uma união desses enfoques que relacione os diversos elementos que integram o texto e resolva as inúmeras contradições com que o analista se defronta.

O trabalho de Perrault se baseia num caráter adaptativo, pois tende a partir de um tema popular, o qual é trabalhado com acréscimo de detalhes que satisfazem e enaltecem a burguesia, a quem os contos eram destinados. Em seus contos, buscou destacar elementos característicos da época medieval, a nobreza e seus costumes.

Em suas (re)criações, Perrault utilizava-se das versões populares folclóricas e aplicava nelas uma adaptação pedagógica, para construir uma relação entre a cultura oral e a escrita, propiciando um enlace que busca agregar o popular e o culto, além de promover uma aprendizagem.

Neste caso, os conceitos que permeiam cultura popular e literatura, englobam religiosidade e crença como um conjunto de manifestações artísticas. Elas denotam a transfiguração da imagem particular do camponês, que por sua vez, se manifestava através da mágica e do elemento maravilhoso, por meio do processo de adaptação ou (re)criação do original. A esse respeito Cadermatori (2006, p. 38) afirma:

Nesse contexto é que cabe situar o folclore, isto é, o conjunto de manifestações artísticas do povo: dança, cerimônias, canções e, especialmente, contos: fator de reconhecimento entre os camponeses, manifestação de sua própria imagem, reflexo de suas contradições e de suas crises e, catarticamente, representação de uma solução possível que – não poderia ser de outra forma – se manifestava através da mágica e do elemento maravilhoso.

Perrault adaptava os contos populares e os colocava nos padrões exigidos pela sociedade burguesa, deixando as referências aos contos populares menos evidentes. E buscava realçar em seus escritos, características que remetessem a fatos sociais e históricos inerentes da burguesia. Segundo Cadermatori (2006, p.36):

Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em A Bela Adormecida; à moda feminina, em Cinderela; ao mobiliário, em O Barba Azul.

Nelly Coelho (2000) destaca que a evolução de uma nação, ou de um povo, se faz ao nível da mente, através da consciência e conhecimento de mundo que cada um vai construindo e assimilando, a partir da infância. Essa tomada de

consciência vai acontecendo através da palavra, incorporada essencialmente à literatura.

O conceito de infância e de família, a revolução industrial e o enfraquecimento do domínio rural, modificavam a proposta de temas levados para as artes e a literatura. Segundo Lajolo (1999, p. 17):

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e a mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o benefício maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta da vida; porém, como sua efetivação somente pode se dar no espaço restrito, mas eficiente, da família, esta canaliza um prestígio social até então inusitado.

Na formação de uma nova mentalidade sociocultural há “o novo” sistema social que propõe uma transformação no modelo literário tradicional, visando uma ampliação sistemática, buscando dar participação ao grupo considerado inferior, no trabalho e na família, fazendo emergir uma tendência feminista, na qual, os direitos e deveres do homem e da mulher começam a se igualar dentro da sociedade.

Dessa forma, séculos seguintes, a literatura infantil se desenvolveu com outras coletâneas de contos e novas propostas temáticas, uma vez que a sociedade também se modificou. Na Alemanha, os Irmãos Grimm e uma série de outros autores espalhados pelo mundo, escreveram para esse público. Cadermatori aponta que:

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Petter Pan) constituem-se em padrões de Literatura Infantil. (CADERMATORI, 2006, p. 33-34).

No Brasil, o escritor Monteiro Lobato, com obras que retratam assuntos sociais, através de seus personagens sábios, cômicos e cultos. Lobato procurava realçar em suas produções literárias uma contraposição às “características da vida cultural brasileira até determinado momento da nossa história.” (CADERMATORI, 2006, p. 43).

A influência europeia no Brasil ultrapassava os limites coloniais, e perpassa o período de dominação política, estendendo-se simultaneamente a outras culturas que se agregaram a cultura já existente no Brasil, acontecendo, portanto, uma aculturação involuntária.

A literatura brasileira se realizava de forma oral como meio de transmissão da cultura local, e a partir do período colonial, essa realidade passou a mudar com a aculturação por meio de outros padrões trazidos pelos estrangeiros, acrescentando-os aos nativos. Em relação a isso, Cademartori (2006, p. 45) argumenta que:

Não se trata, porém, de uma união. A cultura nativa, expressa através da mitologia e da tradição indígena, ficou segregada e com uma circulação restrita, uma vez que era agráfica: não tinha acesso ao livro. [...] A cultura do colonizador procurava, assim, destruir, pela segregação, as manifestações culturais da terra; essa só poderia integrar-se e vencer a situação de inferioridade na medida em que ascendesse aos padrões culturais dos colonizadores.

Desse modo, desenvolveram-se dois tipos de cultura no Brasil: uma europeia, caracterizada pelos padrões elitistas, e materializados através de livros; e outra já existente, considerada nativa de origem popular, a qual era originada da oralidade. As obras anteriores a Monteiro Lobato eram compostas em linguagem e temática inacessíveis àqueles que pertenciam a classes dominadas, por isso, a literatura tornava-se elitista e seletiva/restrita.

Monteiro Lobato foi o escritor que se destacou por suas obras genuinamente dedicadas ao público infantil, agregando a isso questionamentos de caráter social, político, econômico, cultural, sobretudo denunciativo, através de seus personagens.

Lobato defendia a autenticidade e acreditava que o Brasil poderia construir uma literatura própria, descobrir seus próprios padrões culturais e artísticos. Dessa forma, Lobato sempre ocupou lugar de destaque na literatura infantil, e pode-se dizer que ele exerceu, em sua trajetória, um papel idealizador, pois à medida que questionava o sistema pré-estabelecido tinha sempre outros modelos para propor. Segundo Cademartori (2006, p. 50):

A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abrirão caminho a experiências futuras.

A produção nacional e o mercado de livros infantis no Brasil tem oferecido um vasto acervo ao público de todas as faixas etárias, com abordagens diversas. E nesse cenário da produção nacional surgem vários nomes que se destacam no universo literário infantojuvenil. Lygia Bojunga Nunes apresenta, em suas obras, questões que interessam tanto ao público infantil quanto ao adulto, como veremos no tópico a seguir.

## **2 LYGIA BOJUNGA E A LITERATURA NO CONTEXTO ATUAL**

Ao falarmos em literatura infantojuvenil na atualidade, abre-se um leque de inovações narrativas e temáticas propostas pelos escritores que se dedicaram a esse público. A modernização da sociedade, o novo papel da infância, os direitos da juventude, a formação do jovem leitor exigiram, de certo modo, uma mudança na criação artística, o que levou os escritores dessa linhagem literária a adequar seus escritos nos padrões atuais.

Os livros que encontramos hoje são cuidadosamente pensados para esse público e sua gama de produção literária ganhou muita representatividade. A obra de Lygia Bojunga busca realçar, em seus personagens, características que representem o universo da criança e do jovem, conservando a simplicidade do diálogo, o dinamismo da narrativa e o encontro com os temas socioculturais.

Em suma, o funcionamento de sua literatura baseia-se na gestão de conflitos intrapessoais e interpessoais. Os valores apresentados nas narrativas caracterizam as sociedades atuais e, ao lado da imaginação e da fantasia, constroem uma obra mais próxima das exigências desse público leitor.

Colomer (2017, p. 190) aponta que “uma constelação de novos valores, o triunfo da fantasia e a ampliação dos temas tratados são três traços distintivos da literatura infantil e juvenil da atualidade”. Esta concepção está presente em “A Bolsa Amarela”, pois abarca os questionamentos e desconfortos da infância, ao lado de uma relação com um mundo imaginário e maravilhoso.

Vemos, assim, que a literatura atual inclina-se às questões multiculturais e agrega valores que regem a vida em sociedade, bem como, permeia a fantasia inerente ao universo do jovem leitor. A transição do século XX para o século XXI, fez surgir a necessidade de obras que se desenvolvessem no mesmo padrão em que se

desenvolve as mudanças na sociedade e na cultura, criando um espaço propício ao amadurecimento de temas e assuntos discutidos nas obras.

### **2.1 Breves palavras sobre Lygia Bojunga**

Lygia Bojunga Nunes é um nome importantíssimo no universo da literatura infantojuvenil. Lygia foi a primeira escritora fora do eixo Estados Unidos e Europa a receber o prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário da literatura infantojuvenil.

Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos oito anos de idade. Em 1951 entrou para a Companhia de Teatro Os Artistas Unidos, que se apresentou pelo interior. Nessa época atuou como atriz de rádio e participava de programas de televisão.

Algum tempo depois, Lygia se mudou para o interior do estado do Rio de Janeiro, em busca de uma vida integrada à natureza. Abandonou os palcos e as outras atividades na televisão e juntamente com o marido fundou a “Toca”, uma escola rural para crianças carentes.

Em 1972 publicou seu primeiro livro “Os Colegas”, uma fábula que conta a aventura de cinco animais; a obra ganhou alguns prêmios nacionais e internacionais. A fantasia e a realidade são características das produções literárias da escritora, bem como a presença do lirismo e humor.

Entre as suas obras mais representativas destacam-se: “Angélica (1975), “A Bolsa Amarela” (1976), “A Casa da Madrinha” (1978), “O Sofá Estampado” (1980), entre outras obras. Em 2002, publicou “Retratos de Carolina”, o primeiro livro a ser publicado pela sua própria editora, A Casa Lygia Bojunga.

No intuito de popularizar o livro e incentivar a leitura, criou a Fundação Cultural Lygia Bojunga, onde desenvolve ações que ressaltam a importância da leitura literária desde cedo.

### **3 A BOLSA AMARELA: CONTRASTES ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO**

O livro “A Bolsa Amarela”, escrito em 1976 pela escritora Lygia Bojunga Nunes, conta a história de Raquel, uma menina que pertence a uma família formada por adultos, na sua maioria. Raquel sentia-se isolada por não poder compartilhar dos

assuntos familiares, por ser criança e considerada incapaz de decidir e opinar sobre os assuntos das conversas. Ela vivia em um ambiente totalmente autoritário, onde as crianças não têm voz, não são ouvidas e nem consideradas.

A obra em questão gira em torno da frustração de Raquel em não poder exercer suas vontades. Tendo sua privacidade violada por seus irmãos adultos, Raquel se sentia obrigada a esconder suas vontades e desejos. E sem ter com quem dividir suas aflições e anseios, ela começa a criar amigos imaginários, para quem escreve algumas cartas, contando sobre suas três maiores vontades: a de crescer e deixar de ser criança; a de ter nascido garoto, porque na opinião dela todos ouvem e respeitam os garotos; e, por fim, a vontade de ser escritora.

Assim, ao escrever para seu amigo imaginário André, ela começa a exercitar a vontade de ser escritora. A esse amigo, Raquel relata a situação que está enfrentando no seio familiar, em virtude de ser criança e não ter espaço para dialogar com seus familiares e nem expor seus pensamentos (NUNES, 1996, p. 11-12):

Querido André,

Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condição de ter filho."

Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: Por que é que a mamãe não tinha mais condição de ter filho?" elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro para educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não?

Raquel.

Na gestão de seus conflitos internos e com o meio que a cerca, Raquel encontra um esconderijo perfeito para suas vontades, pois certo dia a família recebeu um pacote de doações enviadas pela tia Brunilda. Todos escolheram seus itens preferidos e Raquel notou que ninguém se interessou pela bolsa amarela que

havia em meio às doações, e viu nela um refúgio para esconder seus pensamentos, sua criatividade e seus amigos imaginários, assim ninguém iria ridicularizá-la.

Simbolicamente, a cor “amarela” representa de modo geral a inteligência e a criatividade no contexto literário e real. A bolsa amarela se torna uma “via de escape” para a criatividade e as vontades de Raquel; é nela que a menina consegue colocar todos os seus pensamentos e desejos, inventando histórias e criando personagens que a acompanham e se fazem cúmplices dela, nessa grande fantasia e aventura que é ser criança, em uma sociedade que reprime a infância, por considerá-la inexperiente.

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).

Pronto! A arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas. (NUNES, 1996, p. 29-30)

Satisfeita com o presente, Raquel agora tinha onde esconder suas vontades e ideais, e de certo modo sentia-se livre das opressões de seus irmãos. Em uma de suas histórias, Raquel havia inventado um galinheiro em seu quintal, no qual havia um galo chamado Rei, que assim como a menina, desejava ter liberdade para escolher aquilo que lhe agradasse, independentemente daquilo que determinaram para ele. Nesse sentido, podemos notar que há uma projeção de personalidades, onde Raquel programa para o seu personagem Rei, aquilo que ela gostaria que acontecesse a si própria.

O personagem Rei, o galo criado por Raquel, resolveu fugir do galinheiro e de seus donos, e partiu em busca de seus ideais. De repente, ele surge na casa de Raquel e pede para morar na bolsa amarela, ao observar bem o galo, Raquel percebeu que ele era o mesmo galo de sua história. Ela permite, então, que ele more em sua bolsa.

Ao entrar na bolsa, Rei encontrou alguns papéis com nomes escritos por Raquel, e ao analisar a lista de nomes, Rei encontra o nome Afonso, e escolhe ser



chamado assim a partir daquele momento. Preocupada com o peso da bolsa, Raquel observou que Afonso havia trazido sua amiga “guarda-chuva”, e ficou muito feliz, pois sempre quis um presente daqueles. A partir desse momento, a bolsa foi ganhando cada vez mais volume e Raquel notou que várias coisas estavam se acumulando: a lista de nomes de sua preferência, tinha o Afonso, o alfinete, algumas fotografias, suas vontades e a guarda-chuva.

Todos já faziam parte do mundo particular de Raquel. Assim como as crianças têm o hábito de guardar pequenos tesouros, Raquel o fazia, na bolsa amarela, e não a largava mais. Em um almoço na casa da tia Brunilda, todos os adultos foram atenciosos com ela, como não costumavam ser no dia a dia, causando-lhe espanto, pois não estava acostumada com tanta atenção por parte de seus familiares.

Alberto, o filho da tia Brunilda, ficou curioso para saber o que havia dentro da bolsa. E todos os familiares começaram uma luta para saber, finalmente, o que havia nela, ao ponto de as vontades de Raquel crescerem tanto e não caberem na bolsa.

E de repente todo o mundo tava lutando pra abrir a minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à força se eu fosse grande? Quem? E aí a minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia. (NUNES, 1996, p. 69).

A bolsa estourou, e de lá saiu Afonso e Terrível, um galo amigo seu que também tinha se escondido dentro da bolsa, para fugir de uma briga. Terrível aproveitou a oportunidade e fugiu. Chegando à briga, mas não consegue vencer o adversário, o Crista de Ferro, e além de perder a disputa, perde também a vida. Ao saber do desfecho, Raquel fica chateada e resolve escrever um romance, pensando em como seria diferente se os donos de Terrível não tivessem “costurado seu pensamento” com o objetivo de vencer todas as brigas, e dá-lhe um final feliz.

É a partir desse momento, que a menina percebe que não adianta acumular suas vontades e deixar as coisas sem uma solução. É preciso encontrar uma forma de resolver tudo o que está pendente. Leva, então, a guarda-chuva à casa de consertos para que tivesse uma das hastes consertada. Ao conhecer a família da casa dos consertos, Raquel ficou impressionada com o modelo de relação daquela

família, de como todos se tratavam com cordialidade e respeito. Nessa família, não havia diferenças entre adultos e crianças, todos conviviam na mais perfeita harmonia.

A partir da experiência adquirida na casa dos consertos, a protagonista começa a refletir sobre o modelo de relacionamento adotado pela sua família, assim como reflete sobre suas vontades que acabam se transformando em conflitos. A respeito da vontade de ser menino, por exemplo, Raquel afirma:

[...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Ate pra resolver casamento – então eu não vejo? – a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem, as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (NUNES, 1996, p. 16)

Ao questionar essas diferenças, Raquel percebe que as limitações pertencentes às meninas são impostas pela sociedade e mantidas pela própria família. Ela percebe que, dependendo do comportamento de cada família, ser ou não um menino não faz diferença alguma. Após o contato com a família de Lorelai, da casa dos consertos, Raquel vai soltar pipa na praia, com Afonso e guarda-chuva, e percebe que essa é uma brincadeira que independe do sexo que se tem. Com esta ação, Raquel se liberta da vontade de ser menino, ao usá-la na confecção da pipa, juntamente com a vontade de crescer. Raquel entende assim que ser menina é tão legal quanto ser menino, e que bastava que ela mesma decidisse quais brincadeiras queria brincar, independentemente das imposições.

A autodescoberta a partir das experiências e aprendizagens é uma característica do universo da infância e da juventude, em que as vontades são quase sempre causadas pela impossibilidade de se realizar algo que deseja (COELHO, 2000).

Quando Afonso decide ir embora voando com sua amiga guarda-chuva, Raquel decide libertar da bolsa amarela também suas vontades; permaneceram lá somente o alfinete de fralda e a vontade de ser escritora.

A narração em primeira pessoa aproxima a personagem também narradora, do leitor, e cria uma maior identificação deste com os contextos da infância e juventude que estão sendo contados, através de uma interação personagem e leitor. De acordo com Marchi (2000, p. 199);

A narração é conduzida segundo o ponto de vista de Raquel, que, contando as histórias de sua vida, projeta seus desejos, inconscientes em outras personagens, cujas histórias são produtos de suas fantasias. Eu-narrador e eu-narrado confundem-se, não há distanciamento entre eles, nem distinção entre o real e o imaginário. As aventuras vividas pela menina com as personagens mágicas criadas por ela representam seu processo de evolução de situação totalmente reprimida até a vitória sobre a censura pela libertação de seus desejos.

Através da narrativa de "A Bolsa Amarela", Lygia Bojunga dá o tom de liberdade à expressão à criança, concedendo-lhe voz, atitude e reflexão. Cria uma personagem que facilmente conecta-se com a atualidade, mantendo ainda a importância da fantasia e do imaginário.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho objetivou analisar a representação da infância em "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga. Para tanto, buscamos realizar um breve estudo sobre a origem da literatura infantil e juvenil, fora e dentro de nosso país. Vimos também que essa literatura foi se desenvolvendo ao longo dos séculos e que, na atualidade, os escritores percebem a necessidade de os textos para o público refletirem situações e fazerem questionamentos sobre o universo infantil e juvenil.

Verificamos que a literatura para crianças e jovens, no Brasil, avançou no sentido de refletir o contexto nacional, bem como as questões culturais e populares de nosso país. Monteiro Lobato, seu maior representante, criou diversas histórias que retratam a condição social, econômica e histórica do país, sob um olhar atento para a nossa cultura.

No contexto da atualidade, encontramos Lygia Bojunga e o retrato da fase da infância que agrupa a realidade e o imaginário, questionando os impasses vivenciados pelas crianças, na descoberta de um mundo permeado pela fantasia.

Em relação "A Bolsa Amarela", percebemos que a narração em primeira pessoa nos leva a relacionar Raquel com o cotidiano infantil, moldados pela fronteira

entre o real e o fantástico: a realização de suas vontades, os personagens que “precisavam de conserto” como ela e a compreensão desse universo.

Os temas abordados pela autora são de extrema importância para a formação do jovem leitor, proporcionando-lhe entretenimento e aprendizagem. A identificação do leitor com os contextos e situações narrados no livro é inquestionável.

A realização deste trabalho nos permitiu compreender a importância das narrativas para crianças, sobretudo, comprovar sua eficácia na formação de leitores conscientes e reflexivos. Nos permitiu também, observar as mudanças implementadas pela obra da modernidade, no tocante à temática, à construção da linguagem, dos personagens e da narrativa, o que nos mostrou o papel humanizador da literatura para crianças e jovens.

#### **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the position of the child, in the family environment, specifically represented by the character Raquel, in the work "The Yellow Bag" by Lygia Bojunga Nunes. To do so, we seek to make an interpretative analysis about the representation of childhood, shown by Raquel, and how it reflects the child in the present day. In this work, the imaginary is permeated with questions that embrace the universe of childhood and approaches the forms of representation of the young personage, in the context that adults impose on him. To that end, we base our research on the studies of authors who dialogue with Children's Literature, such as: Coelho (2000), Cunha (2003), Cademartori (2006), Colomer (2017), among others. The accomplishment of this work allowed us to understand the importance of narratives for children, especially to prove their effectiveness in the formation of conscious and reflective readers. As well, it gave us a broad and humanizing view on the issues inherent in the children's literary universe.

**Keywords:** Current Childhood Literature. Imaginary. Representation.

## REFERÊNCIAS

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1999.

MACIEL, Lilian Lima. **Lygia Bojunga: o real e o insólito em A bolsa amarela**. Anais do Cena. Vol. 1, n.1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MARCHI, Diana Maria. **A Literatura Infantil Gaúcha**: uma história possível. 1º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

### **Vida e obra de Lygia Bojunga.**

Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/lygia\\_bojunga/](https://www.ebiografia.com/lygia_bojunga/)> Acesso em: 11 de maio de 2018 às 11:37.